Amalia Rodrigues, Madrugada De Alfama

Mora num beco de Alfama
E chamam-lhe a madrugada
Mas ela de to estouvada
Nem sabe como se chama.
Mora numa agua-furtada,
Que mais alta de Alfama
A que o sol primeiro inflama
Quando acorda a madrugada.
Nem mesmo na Madragoa
Ningum compete com ela,
Que do alto da janela
To cedo beija Lisboa.
E a sua colcha amarela
Faz inveja Madragoa:
Madragoa no perdoa
Que madruguem mais do que ela.
Mora num beco de Alfama
E chamam-lhe a madrugada,
So mastros de luz doirada
Os ferros da sua cama.
E a sua colcha amarela
A brilhar sobre Lisboa
 como estatua de proa
Que anuncia a caravela...
David Mouro Ferreira